

Artigo

Povo Indígena Apinajé: contatos interétnicos na cidade de Tocantinópolis-TO

Carina Alves Torres*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo, abordar os contatos interétnicos da cidade de Tocantinópolis-To, através das sociabilidades e interações sociais dos povos indígenas Apinajé no contexto urbano. O fato observado é que nas últimas décadas a população Apinajé, passou a construir trajetórias socioespaciais na cidade de Tocantinópolis, principalmente após a criação dos programas sociais como o Bolsa Família, no início dos anos 2000 e expansão das estradas que dão acesso a cidade. Outro fator que demarca as trajetórias são os campeonatos municipais, festas, compras nos comércios e consultas médicas. Parto da perspectiva qualitativa com o método da pesquisa etnográfica para analisar os contatos interétnicos no contexto urbano da cidade de Tocantinópolis, no contexto temporal de 2019 e 2020. A pesquisa etnográfica foi essencial para analisar os contatos interétnicos na cidade de Tocantinópolis, pois são manifestadas através do pequeno comércio, educação, saúde e o esporte, outro fato comum é a reprodução dos estigmas aos indígenas, manifestadas nos contatos interétnicos.

Palavras chaves: Indígenas. Cidade. Contatos interétnicos. Trajetos.

Pueblo indígena apinajé: contactos interétnicos en la ciudad de tocantinópolis-to

Resumen

Este artículo tiene como objetivo abordar los contactos interétnicos de la ciudad de Tocantinópolis-To, a través de las sociabilidades e interacciones sociales de los pueblos indígenas Apinajé en el contexto urbano. El hecho observado es que en las últimas décadas la población Apinajé comenzó a construir trayectorias socioespaciales en la ciudad de Tocantinópolis, especialmente después de la creación de programas sociales como Bolsa Família, a principios de la década de 2000 y la ampliación de las vías que dan acceso a la ciudad. Otro factor que marca las trayectorias son campeonatos municipales, fiestas, compras en tiendas y consultas médicas. Parto de una perspectiva cualitativa, con el método de investigación etnográfica para analizar los contactos interétnicos en el contexto urbano de la ciudad de Tocantinópolis, en el contexto temporal de 2019 y 2020. La investigación etnográfica fue fundamental para analizar los contactos interétnicos en la ciudad de Tocantinópolis, como se manifiestan a través del pequeño comercio, la educación, la salud y el deporte, otro hecho común es la reproducción de estigmas hacia los indígenas, manifestados en los contactos interétnicos.

Palabras clave: Pueblos indígenas. Ciudad. Contactos interétnicos. Caminos.

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, carinatorres123alves@gmail.com

Nas últimas décadas a Sociologia e a Antropologia vêm estudando os fenômenos sociais urbanos, com mais recorrência dando ênfase aos contatos interétnicos e as sociabilidades, através do marcador social etnia. Roberto Cardoso de Oliveira (1972; 1978) foi um dos primeiros estudiosos a pesquisar os povos indígenas na cidade versando os contatos interétnicos:

A noção de que o contacto entre duas ou mais étnicas assume um carácter sistêmico a partir de certo momento, estruturalmente determinado, constitui a base do modelo. Em outras palavras, o sistema interétnico começa a se constituir a partir do momento em que se cria uma certa interdependência entre os grupos étnicos em contato e se cristaliza quando tal interdependência se torna irreversível (OLIVEIRA, 1972, p.03).

Roberto Cardoso de Oliveira (1978) retratou a realidade social da etnia Terena da capital campo Grande do estado do Mato Grosso, analisando as transformações sociais através dos contatos interétnicos e sociabilidades no contexto urbano, se constituindo referência para outras pesquisas. Magnani (1996) ressalta que até década de 1970 a antropologia, situava seus estudos as populações indígenas concentradas nas relações sociais, culturais, familiares e religiosas, sem enfatizar problemáticas que situasse os povos indígena no contexto urbano. Nesse movimento outras pesquisas foram surgindo no campo da antropologia, como trabalho de Renato Monteiro Athias (2010) que retrata a experiência dos povos indígena da etnia Pankararu que migraram para o estado de São Paulo a partir da década de 1940, devido o intenso fluxo “de deslocamento dos trabalhadores do Nordeste para as grandes cidades do Sudeste” (ATHIAS, 2010, p.54). Inicialmente a migração dos povos indígenas Pankararu para a metrópole São Paulo era realizada por homens, e anos posteriores por mulheres, no qual passaram a fixar moradias na cidade. O autor ressalta que a população Pankararu girava em torno de 2.500 pessoas, demonstrando que a metrópole

paulistana era atrativa para o exercício da antropologia na cidade pela riqueza das tradições culturais:

[...] à variedade de seus modos de vida e à infinita possibilidade de trocas e contatos, que fazem dela um espaço propício para o reconhecimento e registro da diversidade cultural e da descoberta dos significados das experiências humanas (ATHIAS, 2010, p.53).

É importante citar que os povos indígenas, começaram a ganhar visibilidade no cenário nacional após o processo de indigenização e etnicização, no qual se tornou tema de pesquisa e debates antropológicos e de outras áreas do conhecimento. Situo a observação do sistema interétnico, analisando as sociabilidades da etnia Apinajé na cidade de Tocantinópolis, pois são nítidas as interações entre a população Tocantinopolina e os indígenas através dos comércios, educação, saúde e campeonatos de futebóis, delineando trajetórias socioespaciais com a cidade.

Contexto histórico e social da etnia apinajé

A etnia indígena Apinajé está localizada na região norte do estado do Tocantins, situada nas cidades de Cachoerinha-TO, Luzinópolis-TO, Tocantinópolis-TO, São Bento-TO e Maurilândia- TO, com uma população de aproximadamente 2.342 pessoas segundo os dados da Siaisi/sesai de 2014, e território de 142 mil hectares. A língua materna é o Apinajé e o tronco linguístico macro o Jê. O primeiro contato entre essa etnia e a sociedade nacional, ocorreu no ano de 1774, nas cachoeiras de Três Barras durante a viagem de Goiás e Pará, precedida do Antônio Luiz Tavares:

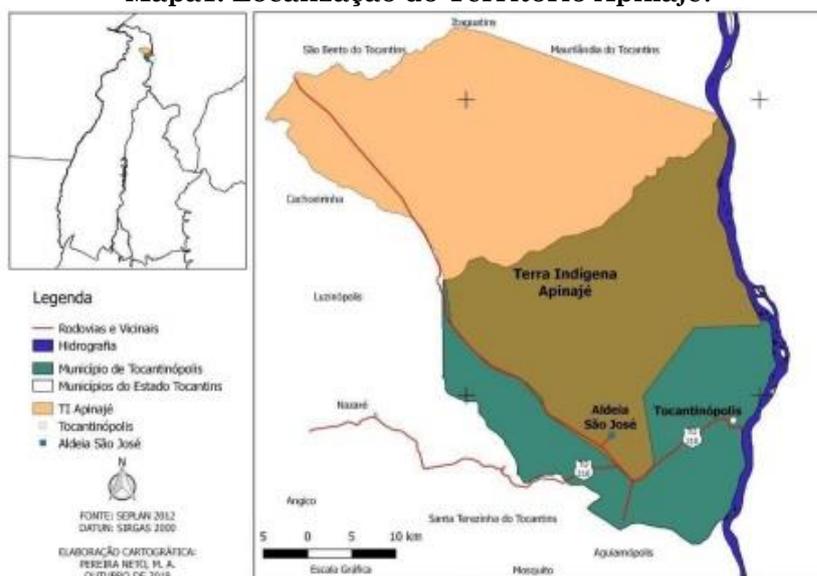
A partir de 1797 entraram os Apinayé em contato permanente com os civilizados. Neste ano o governo do Pará fundou na boca do Araguaia o posto militar de São João das Duas Barras (Hoje São João do Araguaia). Porém ao invés de estabelecer uma paz permanente, começaram desde logo lutas sangrentas entre os Apinayé e a guarnição do posto (NIMUENDAJÚ, 1983, p.01).

Esse é um dos episódios de contatos, marcada por intensos conflitos. Ao longo dos séculos os contatos interétnicos foram se estabelecendo através de invasões territoriais no território Apinajé, colonização e catequização.

Esse povo cultua as festas tradicionais e rituais, perpetuando os saberes e conhecimentos tradicionais. O território possui 45 aldeias, circundadas próximas de várias cidades, com proximidade física a cidade de Tocantinópolis, onde esse povo frequenta com mais recorrência. Nessa etnia há duas aldeias centrais, aldeia Mariazinha e aldeia São José se constituindo aldeias sedes nas demandas de saúde e educacionais. No ano de 2019 a 2020 estive com essa etnia, especificamente na aldeia São José, realizando pesquisas para a dissertação de mestrado¹, onde percebi as manifestações dos contatos interétnicos:

Um fato interessante deste povo é o número de pessoas que são cristãs, sendo comum encontrar missionários, pastores e outras pessoas que compõem as denominações de religiões que adentram ao território. É comum ocorrer festas nas aldeias com contratação de bandas da cidade de Tocantinópolis (TO), com músicas de forró, reggae e sertanejo. Em várias casas têm televisão, geladeiras, rádio e um número mínimo de pessoas que possuem carros e motos. Alguns Apinajé cursam faculdades na UFT-Tocantinópolis (TO) e cursos técnicos em outras instituições da cidade além de cursarem faculdade e mestrado fora do estado como na UFGoiânia (GO) (TORRES, 2020, p.37).

A pesquisa de campo nessa aldeia proporcionou novos olhares acerca das manifestações interétnicas permeadas pelas tecnologias, religião e educação. Participei de alguns eventos e festas no qual percebi o uso de celulares por boa parte da juventude, registrando os eventos e compartilhando nas redes sociais. Os moradores da aldeia estavam se movimentando para instalarem uma torre de internet no território para ter acesso em todas as casas, pois o único local que tinha acesso internet era na unidade escolar. No mapa a seguir, fica explícito a localização do território Apinajé.

Mapa1: Localização do Território Apinajé.

Fonte: Torres (2020) apud Pereira, Neto (2019).

Outro fato comum, que observei na pesquisa de campo foi o número representativo de indígenas universitários, cursando um curso superior na Universidade Federal do Tocantins (UFT) em Tocantinópolis, na Faculdade de Ciências do Tocantins da cidade de Araguaina-TO, e na Universidade Federal de Goiânia (UFG), mostrando as trajetórias socioespaciais e as interações sociais através da educação.

Contexto social da cidade de tocantinópolis-to

A cidade de Tocantinópolis-(TO) está localizada na região norte do estado do Tocantins, fazendo limite com as seguintes cidades: Nazaré (TO), Maurilândia (TO), Aguiarnópolis (TO) e Porto Franco (MA). A cidade possui uma população de aproximadamente 22.896 pessoas segundo os dados do Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018. Segundo Torres (2020):

A cidade é caracterizada pela localização do rio Tocantins, ribeirões e a catedral. A cidade é conhecida por Boa Vista do Padre João, por ser um dos personagens das revoltas armadas que ocorreram no final do século XIX e início do século XX em Tocantinópolis (TORRES, 2020, p.45).

A cidade possui um comércio representativo, com fluxo de pessoas de várias cidades próximas, com destaque aos povos indígenas Apinajé, comprando no setor comercial, comércios, lojas de roupas e açougues. Outra característica dessa cidade é a representação religiosa cristã católica e outras religiões. Na arquitetura da cidade se nota a presença de traços católicos, como santos e frases bíblicas. É importante destacar que o rio Tocantins atravessa a cidade com a fronteira do estado do Maranhão se constituindo um patrimônio imaterial, o rio se torna um espaço de ressignificações, pois é certo período do ano, se torna um espaço para a temporada de praias, onde recebe turistas de vários estados do Brasil, local de pescas, pois a presença de pescadores é nítida.

Tocantinópolis é considerada uma cidade histórica, com habitação populacional no final do século XIX, onde era uma vila, chamada Boa Vista do Padre João, líder católico de grande respeito cultural dessa cidade, por participar das revoltas armadas nesse território no início do século XX.

A cidade foi povoada através das invasões no território indígena Apinajé, através de conflitos armados, onde se procederam aos primeiros contatos interétnicos. Sousa (2008) destaca que a cidade foi construída em cima de uma aldeia indígena Apinajé:

[...] Aliás, a cidade de Tocantinópolis foi construída em cima de uma aldeia Apinajé. Esta População indígena foi vista pelos bandeirantes entre 1633 e 1658, quando o primeiro barco subiu o Rio Tocantins acima os Apinajé resistiram às primeiras tentativas de ocupação destas terras por povos estranhos. Trata-se de uma resistência de 164 anos de navegação de contatos interétnicos entre os Apinajé e os povos estranhos (SOUSA, 2008, p.11).

No contexto atual a aldeia mais próxima da cidade de Tocantinópolis é aproximadamente 20 km, mostrando o distanciamento territorial ao longo dos conflitos territoriais entre os Apinajé e os *kupê*².

Contatos interétnicos no contexto urbano de Tocantinópolis

A cidade de Tocantinópolis possui um setor urbano representativo com vários bairros, expandidos próximos ao cerrado e territórios de babaçuais, além de vários povoados que circundam próximo ao território urbano. Realizei pesquisas no Bairro Antônio Pereira, um setor periférico, com uma população de 1901 moradores segundo os dados da secretaria de saúde de 2017. Naquele contexto, residia nesse bairro, onde observei a presença recorrente de indígenas Apinajé circundando o bairro, principalmente nos comércios:

O fato que me chamou atenção no primeiro contato relacional com o Bairro Antônio Pereira foi à presença indígena Apinajé naquele local, no ano de 2013, no mês de Maio, quando cheguei à cidade de Tocantinópolis. A primeira vez que frequentei os comércios do bairro, fiquei surpresa com alto número de indígenas fazendo compras. Tinha idosos, crianças e jovens. No primeiro momento senti certo receio do lugar, pois, era conhecido como “comércio dos índios”. Interagindo com vários moradores do bairro, eles me falavam que os índios gostam muito dos comércios e sempre vão ali fazer compras, mas também demonstravam os preconceitos em relação a eles. Diziam coisas do tipo: “eles têm muito piolho”, “não tenho coragem de comer a comida deles”, “são muito preguiçosos”, além de outras formas de estereótipos demonstradas cotidianamente (TORRES, 2018, p.33).

O bairro era estigmatizado na cidade por ser periférico e pelos problemas sociais que aconteciam, como a extrema pobreza casos de violências e roubos. Durante a observação participante realizei conversas com vários indígenas que compravam nos comércios do bairro, visitavam parentes que possuía estadia, construindo trajetórias socioespaciais, os indígenas ressaltavam os preconceitos que presenciavam ao longo desses trajetos. Dermarchi & Morais (2015), destacam as principais ideias equivocadas que a população Tocantinopolina, representam os indígenas, como “todo índio é preguiçoso”, “índio camponês”, ‘muita terra pouco índio” e Hipercidadão, essa visão é pautada na ideia que os indígenas, possui privilégios sociais por ser índio:

[...] esse parece propagar uma capciosa ideia de superioridade legal dos índios, quando na verdade o que vemos são povos que lutaram durante séculos para continuar existindo em condições jurídicas e de direito democraticamente iguais aos dos cidadãos brasileiros, tendo respeitados os seus modos de vida e formas de expressão cultural, como afirma nossa Constituição Federal (DEMARCHI & MORAIS, 2015, p.17).

Essas ideias são comuns no imaginário da cidade de Tocantinópolis, estigmatizando essa população pelo viés do preconceito. Goffman (1980) alude à discussão de estigma, destacando a os sujeitos desacreditados, termo que o autor se refere aos estigmas que são obviamente percebidos, como a condição étnica, evidente no primeiro contato relacional.

Muitos moradores narraram que os Apinajé “perderam a cultura” pelo fato de residir moradias na cidade, Barth (1998), ressalta que os contatos interétnicos são confundidos por aculturação, no qual as culturas estão em constante transformação, como cita Laraia (2004):

[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do sistema (LARAIA, 2004, p.101).

Nessa perspectiva se nota, as mudanças culturais que a etnia Apinajé vem manifestando ao longo das ultimas décadas. Nos anos 2000, se intensificaram as trajetórias socioespaciais dessa população para a cidade de Tocantinópolis, devido à expansão dos programas sociais, como destaca a Rocha (2012), ao situar esses fatos na etnia Apinajé no início dos anos 2000. As práticas interculturais dessa etnia são manifestadas através da educação, saúde, tecnologia e comercio, Candau (2012), cita sobre o processo intercultural:

[...] a interculturalidade fortalece a construção de identidades dinâmicas, abertas e plurais, assim como questiona uma visão essencializada de sua constituição. Potencializa os processos de empoderamento, principalmente de sujeitos e atores inferiorizados e subalternizados, e a construção da autoestima, assim como estimula os processos de construção da autonomia num horizonte

de emancipação social, de construção de sociedades onde sejam possíveis relações igualitárias entre diferentes sujeitos e atores socioculturais (CANDAUI, 2012, p. 245).

As práticas interculturais fortalecem o empoderamento das comunidades indígenas, como a etnia Apinajé, que utilizam vários atributos desses processos para fortalecimento cultural, político e social.

Observação participante na cidade de Tocantinópolis

A realização participante ocorreu no período de 2019 a 2020, no contexto urbano da cidade de Tocantinópolis, nos comércios, Universidade Federal do Tocantins-UFT, lojas, campos de futebolis, açougues, BANCOS e beira rio. Utilizei a pesquisa qualitativa e o método da pesquisa etnográfica para analisar os contatos interétnicos. Conversei com dois indígenas e dois moradores da cidade. A abordagem etnográfica que situei é voltada para a realidade social da pesquisa, como cita Mattos (2011).

[...] Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa (MATTOS, 2011, p.50).

O autor ressalta que a etnografia tem a preocupação em obter uma descrição densa da pesquisa, nesse sentido realizei trajetos e conversas com as pessoas pesquisadas. Os dois interlocutores indígenas, são estudantes na Universidade Federal de Tocantins e os dois moradores da cidade que conversei trabalham no comercio e loja de roupas.

A interlocutora feminina Apinajé, é moradora da aldeia São José, casada com cinco filhos, e universitária do curso de Educação do campo na UFT. Desde criança realiza trajeto para a cidade de Tocantinópolis, antigamente ela ia a pé com seus parentes, principalmente para banhar no rio Tocantins e a partir dos anos 2000, começou a realizar esse trajeto nos carros fretados dos comerciantes que realizam compras na cidade. A universitária, narrou que sempre ansiavam em fazer um curso superior

para atuar na escola da aldeia, nesse sentido prestou o vestibular no ano de 2017, adentrando na universidade. Ela passa muito tempo no contexto urbano durante o período de aula, citando as dificuldades enfrentadas na aprendizagem e interações no ambiente escolar e comércio:

Tenho muita dificuldade quando vou à cidade, pois sinto que não sou bem recebida, na UFT me sinto acolhida, principalmente pelos professores, percebo que as pessoas tem muito preconceito com os índios, no comércio que compro noto isso (Interlocutora universitária, janeiro de 2020).

Realizei trajetões com a universitária, desde a saída da aldeia até a cidade, presenciando as dificuldades encontradas nas interações na UFT, ruas e nos comércios da cidade, notei que principalmente as mulheres Apinajé, demonstraram desconforto em percorrer as ruas da cidade, citando os preconceitos vividos cotidianamente. Dentre as representações que a universitária possui da cidade, ressaltou a visão de ambiente sujo, pois narrou que na cidade tem muito lixo destacando que os “moradores não gosta dos indígenas”, frase que presenciei em várias situações por outros indígenas.

Na universidade, notei que ela possui amizades, com os colegas não indígena, interagindo com recorrência apenas com os alunos Apinajé, como o outro interlocutor dessa pesquisa que é universitário do curso educação física. O interlocutor universitário de educação física é morador da aldeia Cocal, é casado e tem dois filhos, entrou na universidade no ano de 2019, e ressaltando que desde criança, frequenta a cidade, para jogar futebol, ir a festas, praias, balneários e compras nos comércios. Narrou que durante os campeonatos de futebóis nota a distancia e o desinteresse dos organizadores dos campeonatos aos times indígenas, destacando que em várias situações, percebeu falas preconceituosas e inferiorizadas ao seu povo. No ambiente universitário, ressaltou que tem ótimas relações com os colegas e professores, frisando que foi bem recepcionado por eles. Destacou que na cidade possui ótimas relações com os funcionários que trabalham no Posto de saúde da aldeia e Escolas, além de ser cliente dos comércios. O

universitário citou que convive bem com a educação não Apinajé, como cita Pontes (2009) “Para alguns indígenas citadinos, isso não chega a ser um dilema preocupante, pois convivem bem com a educação dos brancos e sua ancestralidade indígena”. (PONTES, 2009, p.264). O universitário, narrou que já morou na cidade e decidiu voltar para a aldeia depois que casou.

Os dois interlocutores da cidade são comerciantes, sendo uma dona de loja e outro dono do comercio. Durante as conversas que realizei com a dona da loja, narrou que as mulheres Apinajé são clientes da loja, frequentando a loja principalmente no final do mês, data que eles veem a cidade para receber o benefício do programa Bolsa família destacou que na cidade é comum presenciar situações de preconceitos e discriminações aos indígenas. A dona da loja é moradora da cidade há 40 anos e destacou que antes os indígenas não frequentavam a cidade com recorrência, como nos dias atuais, pois com o advento dos Programas sociais, esse povo passou a ter trajetórias com o contexto urbano.

O comerciante que realizei conversas mora na cidade há 20 anos, narrando que os indígenas são cliente de seu comercio, onde freta um carro para busca-los em suas aldeias, ressaltando que muitos moradores da cidade não compram no comercio, devido ser um espaço frequentado por vários indígenas. Narrou que já presenciou várias situações de preconceitos e até violência física aos indígenas, onde entreviu em algumas situações. Destacou que sempre vai à aldeia, pois gosta de tomar banho nos ribeirões e participar das festas ritualísticas.

Durante a observação participante, percebi olhares, e situações que demarcam preconceito aos povos indígenas na cidade, além de presenciar situações que baliza as práticas interculturais, como compras nos comércios lojas, farmácias, consultas médicas e trajetórias a universidade. Em contrapartida os indígenas vendem arte, artesanatos, garrafadas e frutos do cerrado para os moradores da cidade, situando os contatos intéretnicos através do pequeno comercio. Baines (2011) ressalta que os povos indígenas vão à cidade para vários fins, sendo que uma das finalidades é educacional e

serviços de saúde em que índios optaram pela vida na cidade em decorrência da falta de oportunidades de educação e atendimento adequado de saúde nas suas aldeias (BAINES, 2022, p.01).

Conclusão

A pesquisa etnográfica possibilitou novos olhares acerca dos contatos interétnicos na cidade de Tocantinópolis, manifestadas através dos povos indígenas Apinajé e os moradores da cidade, permeada através do pequeno comércio, serviços educacionais e de saúde, além de participações de campeonatos e festas e mais recentemente política, pois no ano de 2020, nas eleições municipais foi eleito o primeiro vereador Apinajé, delineando novas relações no contexto urbano.

Os dois interlocutores Apinajé manifestaram as situações que convivem na cidade, marcada pelo preconceito e estigmas, além de ressaltarem que possuem amizades com várias pessoas da cidade, demonstrando harmonia em alguns contatos. A interlocutora Apinajé ressaltou que em várias situações se sente constrangida em tá circulando a cidade, devido às representações preconceituosas ao seu povo, onde as mulheres sentem com mais recorrência essas manifestações. Outro fator que caracteriza os contatos interétnicos são os campeonatos de futebóis, onde reúne um público representativo de indígenas, participando ativamente dos jogos e torcendo pelos times.

Vários indígenas residem na cidade há anos, onde recebem os parentes da aldeia em consultas médicas e para estudarem, construindo um intercâmbio entre aldeia e cidade como destaca Matta (2006), ao citar essas situações com os indígenas da etnia Pankararu em São Paulo e aldeia no estado da Bahia. Os interlocutores da cidade ressaltaram que possui contatos os indígenas Apinajé principalmente pelo pequeno comércio, onde os indígenas são clientes de seus estabelecimentos. A observação desse fato se torna necessário, pois nas últimas décadas ocorreram várias mudanças

sociais culturais e sociais na etnia Apinajé e os contatos interétnicos vem se tornando fatores dessas mudanças.

Carina Alves Torres é graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Graduação em Pedagogia, pela Faculdade Integrada de Brasília (FABRAS). Especialização em Políticas Públicas em Educação, pela Faculdade Integrada de Brasília (FABRAS). Mestrado em Estudos de Cultura e Território, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutoranda em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Contato: carinatorres123alves@gmail.com

Artigo recebido em: 29/03/2022

Aprovado em: 06/12/2022

Como citar este texto: TORRES, Carina Alves. Povo Indígena Apinajé: contatos interétnicos na cidade de Tocantinópolis – TO. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 08, nº 02, p. 160-174, 2022.

Referências bibliográficas

ATHIAS, R. M.; LIMA, Carmen Lúcia Silva. **Indígenas na metrópole: Os Pankararu de São Paulo. O Público e o Privado.** UECE, v. 16, p. 49-64, 2010

BAINES, Stephen. As chamadas “aldeias urbanas” ou índios na cidade. **Revista Brasil Indígena**, v. 2, n. 7, p. 15-17, nov./dez. 2001.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFFEFENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998. P. 185-227.

CANDAU, Vera Maria F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Revista Educação e Sociedade.** Campinas. Vol. 33, no. 118, p. 235 – 250, jan/mar. 2012.

DEMARCHI, André; MORAIS, O. **Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles.** Palmas: Nagô, 2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico.** Ed. 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MATTA, Priscila. **Dois Elos da Mesma Corrente: Uma Etnografia da Corrida do Umbu e da Penitência entre os Pankararu.** São Paulo: Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo, 2005 (Dissertação de Mestrado).

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books.

NIMUENDAJÚ, Curt. **OS APINAYÉ.** Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1983. 146 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI; TORRES, Lílian de Lucca (orgs). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana.** São Paulo: Edusp, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A Sociologia do Brasil Indígena.** Tempo Brasileiro, São Paulo, 1972.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Povos Indígenas e mudança Sócio-cultural na Amazônia.** Série Antropologia. Conferência pronunciada

durante a “23ª Anual Latin American Conference” (fevereiro/1973), intitulada “Man in Amazon” e promovida pelo “Center for Latin American Studies”, Universidade da Florida (Gainesville). Brasília, 1972.

PONTE, Ximenes Saré A. L. **A população indígena da cidade de Belém, Pará: Alguns modos de sociabilidade.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 4, n. 2, p. 261-275, maio-ago. 2009.

ROCHA, Raquel Pereira. **O “Tempo do primeiro” e o “tempo de agora: transformação social e etnodesenvolvimento entre os Apinajé/TO.** 2012. 327f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SOUSA, C. A. O. **Tocantinópolis: 150 Anos de Urbanização.** Goiânia: Kelps, 2008. Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2006

TORRES, Carina Alves. **As interações entre os Kupê e os Panhãno bairro Antônio Pereira (Tocantinópolis-TO).** 2018. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2018.

TORRES, Alves, Carina. **Mulheres indígenas Apinajé: Trajetórias socioespaciais em Tocantinópolis (TO).** Dissertação (mestrado acadêmico), Universidade Federal do Tocantins-UFT, Araguaína, 2020.

Sites pesquisados:

<http://www.saude.gov.br/sesai>. Acesso: 15/08/2019.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to>. Acesso: 10/08/2020.

¹ Pesquisa de mestrado intitulada: Mulheres indígenas Apinajé: Trajetórias socioespaciais em Tocantinópolis-TO, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins.

² Como os Apinajé designam o não indígena.